

Fibras naturais ainda são pouco exploradas

Roger Pereira [01/07/2006]

Foto: Ciciro Back/O Estado



Bambu é barato e facilmente renovável.

"O Brasil é um país de fibra". Com essa afirmação, o professor Eloy Casagrande Júnior, da Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR), defende a utilização de fibras naturais em substituição às fibras sintéticas, o que traria crescimento econômico e, principalmente, diminuiria os impactos ambientais causados por produtos da cadeia produtiva do petróleo, por exemplo.

Para o professor, a mais rica biodiversidade do mundo, a brasileira, tem de ser usada em favor do seu povo. "O investimento em uma cadeia produtiva de fibras naturais é a chave para o desenvolvimento sustentável, uma alternativa para os homens do campo e uma ferramenta a

mais para a geração de empregos", afirma.

O professor cita as fibras do bambu, vime, sisal, cana-de-açúcar, bananeira e carnaúba como matéria-prima não só para o artesanato, mas também para a indústria, como a de móveis, a alimentícia e, até, a automotiva. "O bambu era considerado uma praga, que crescia facilmente em meio às plantações. É muito barato e facilmente renovável, sua utilização poderia diminuir, e muito, o extrativismo da madeira", comentou, lembrando que enquanto o ciclo do pinus dura dez, doze anos, o bambu leva, em média, três anos para poder ser colhido.

A UTFPR também vem desenvolvendo pesquisas para criar o laminado de bambu, uma placa, tipo compensado, que poderá ser utilizado na construção e na indústria de móveis. Outra matéria-prima cujas fibras já são bastante usadas na indústria, principalmente de móveis, é o vime.



Matéria-prima não somente para o artesanato, mas para a indústria.

Para discutir o uso das fibras vegetais na indústria, a UTFPR promoveu, na última semana, o 1.º Fórum Paranaense de Fibras Naturais, em que acadêmicos, artesãos e empresários reuniram-se para discutir estratégias e projetos sobre fibra natural, levando em conta as

questões sociais, ambientais e econômicas, ou seja, "o tripé do desenvolvimento sustentável", segundo Casagrande Jr.

Para ele, o ponto alto do fórum foi a palestra da arquiteta Mônica Smits, especialista na economia chinesa, com o tema O bambu e o desenvolvimento econômico na China. O professor revelou que, na palestra, Mônica explicou como o maior produtor de bambu no mundo montou uma base de desenvolvimento com a exploração em toda a Ásia. Neste continente, o bambu é responsável por cerca de um bilhão de postos de trabalho. "Eles fizeram com o bambu o que o Brasil faz com a madeira. Mas lá, os impactos ambientais são infinitamente menores", destacou Casagrande.

Para Eloy, o Brasil ainda está engatinhando para ter uma cadeia produtiva de bambu, ou qualquer outra fibra natural. Para isso, ainda falta tecnologia, projetos de design e incentivo ao plantio das matérias-primas, que, para o professor, seria o primeiro passo. **"Por que não instruir o agricultor que, além da soja, do milho e dos hortifruti ele também pode produzir bambu, vime, etc.?"**, diz. "Aos poucos estamos avançando, mas ainda estamos limitados ao artesanato e a algumas empresas pioneiras na responsabilidade social", completa Eloy.

Artesãos desenvolvem vários produtos

Foto: Ciciro Back/O Estado



Maria: "Como uma terapia".

Enquanto o Brasil ainda não tem estrutura adequada para a utilização das fibras em larga escala, são os artesãos os que mais aproveitam esses recursos, baratos e abundantes para prover seu sustento. Enfeites de fibra de coco, móveis e produtos de jardinagem feitos de bambu têm agradado, cada vez mais, os consumidores que freqüentam feiras de artesanato.

E o artesanato pode servir como fonte de renda alternativa para moradores de zonas rurais. **Em Fazenda Rio Grande, por exemplo, a Comunidade Nossa Senhora das Graças aproveitou a abundância de bambu na região para transformá-lo em gerador de renda para as famílias locais.**

Duas vezes por semana, cerca de 15 pessoas se reúnem nos fundos da capela para produzir móveis, luminárias, suportes para vasos de flores, produtos de decoração, e até troféus. "No começo do ano recebemos uma encomenda de um banco para confeccionar os troféus de um importante prêmio que ele iria entregar", contou, entusiasmado, o fundador da comunidade, Fkaru Sato.

Sato contou que o projeto, em parceria com a UTFPR, a qual enviou professores e estudantes para instruir os novos artesãos, é uma grande oportunidade. "Ninguém se sustenta apenas com o que produz aqui. Mas aos poucos estamos crescendo e, em breve, isso deve virar nossa profissão", ressaltou.

A dona de casa Maria Solange Sinja contou que, com o que ganha com o artesanato, não precisa mais pedir dinheiro para o marido para comprar alguma roupa, ir ao salão de beleza, entre outros caprichos. "Além do lucro e de aprender uma coisa nova, ainda serve como uma terapia. Dois dias na semana eu deixo de lado os afazeres domésticos e venho aqui me distrair".

Além de atender a encomendas, a comunidade está expondo seus trabalhos todos os sábados, no Ceasa.

Indústria internacional observa novo mercado

Mais resistentes, mais baratas, atóxicas e biodegradáveis, as fibras vegetais estão sendo vistas com bons olhos pela indústria internacional, principalmente a de autopeças. Muitas das marcas mais famosas de veículos já utilizam, há bastante tempo, a fibra do coco no estofamento dos bancos de seus carros.

Foto: Ciciro Back/O Estado



Mas em Quatro Barras, também na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), há uma empresa empregando as fibras vegetais em outros projetos. "Já estamos vendendo o porta-pacotes (tampão do porta-malas) fabricado com fibra de sisal, coco, juta e curauá. Há ainda outros três projetos em fase de protótipo", disse o engenheiro Vaner Rosa de Andrade, da Tréves, que quis manter sigilo sobre os outros projetos.

No Brasil, setor ainda é pouco explorado, mas deve ganhar espaço com interesse do exterior.

Vaner explicou que as fibras naturais não são usadas no seu estado original, sendo combinadas com componentes sintéticos, como o polipropileno, o que resulta em um material misto bem mais resistente. Segundo o engenheiro, a indústria automotiva mundial caminha para, um dia, produzir veículos com todos os componentes recicláveis ou biodegradáveis.